

NA CORDA BAMBA DO EU: UM RECORTE DO FENÔMENO BOLSONARISTA SOB A ÉGIDE DO MOVIMENTO DE MASSAS

Ana Paula de Resende e Andrade¹

João Victor Neves Rosa²

Jessika Pereira Damásio³

RESUMO: O presente artigo propõe um recorte bibliográfico acerca de passagens sócio-históricas com repercussões relativas a movimentos de massa autoritários, vislumbrados por Freud em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921/2011) e Adorno e Horkheimer em “Dialética do Esclarecimento”, capítulo “Elementos do Antissemitismo: limites do esclarecimento”, elemento VI (1969), bem como suas possíveis aproximações com a política de governo de Jair Bolsonaro entre 2018 e 2022. Esta proposta se faz realizável a partir de tensionamento dos discursos e práticas do governo vigente entre 2018 e 2022 e de seus apoiadores, considerando a possível relação entre tais discursos e a promoção da negação da ciência, a disseminação de ideias conspiratórias e a retórica de inimigos internos e externos. Para tanto, fez-se necessário examinar, por meio de referenciais teóricos específicos, como a administração tecnológica pôde influir no processo de formação racional do sujeito através da possível relação entre os aspectos midiáticos e o potencial alienante do conceito de “pós-verdade” dentro do contexto da sociedade brasileira atual. A pesquisa realizada não visa encerrar o entendimento sobre o fenômeno bolsonarista, mas despontar algum incômodo àquele/la que o lê, no sentido de motivar indagações, proposições, questionamentos e uma maior investigação do fenômeno.

Palavras-chave: autoritarismo; bolsonarismo; movimento de massas; pós-verdade.

ABSTRACT: This article proposes a bibliographical section about socio-historical passages with repercussions related to authoritarian mass movements, glimpsed by Freud in “Psychology of the Masses and Analysis of the Self” (1921/2011) and Adorno & Horkheimer in “Dialectics of Enlightenment”, chapter “Elements of Anti-Semitism: limits of enlightenment”, Aphorism VI (1969), as well as its possible approaches to Jair Bolsonaro's government policy between 2018 and 2022. This proposal becomes achievable based on the tension of government speeches and practices in force between 2018 and 2022 and its supporters, considering the possible relationship between such speeches and the promotion of science denial, the dissemination of conspiratorial ideas and the rhetoric of internal and external enemies. To this end, it was necessary to examine, through specific theoretical references, how technological administration can influence the process of rational formation of the subject through the possible relationship between media aspects and the alienating potential of the concept of “post-truth” within the context of current Brazilian society. The research carried out does not aim to conclude the understanding of the Bolsonarist phenomenon, but to indicate possible articulations to be

¹ Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). E-mail: anapaulald137@gmail.com

² Graduando em Psicologia no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). E-mail: joaovictor.nr97@gmail.com

³ Docente no curso de Psicologia no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). Mestra em Psicologia Social Crítica. E-mail: jessika.damasio@uniptan.edu.br

considered in its study, so that it may cause discomfort to those who read it in order to motivate inquiries, propositions, questions and further investigation of the phenomenon.

Keywords: authoritarianism; Bolsonarism; mass movement; post-truth.

INTRODUÇÃO

*“Chora a nossa pátria mãe gentil,
Choram Marias e Clarisses no solo do Brasil.
Mas sei que uma dor assim pungente
Não há de ser inutilmente, a esperança
Dança na corda bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha pode se machucar”*
(Aldir Blanc; João Bosco, 1979)

O Fascismo original, enquanto fenômeno histórico e político, teve seu surgimento no início do século XX, impulsionado pelo nacionalismo e pelo autoritarismo, conforme demonstra Boito Júnior (2021). Suas características fundantes, segundo o mesmo autor, se evidenciam a partir de uma ideologia totalitária e pelo culto à violência e à guerra, além da promoção da negação do pluralismo político e da diversidade cultural.

Apesar de tal fenômeno ter sido inaugurado no século supracitado, ao analisar-se a construção da subjetividade humana, em seus aspectos políticos e psicológicos, é possível identificar como os ideais fascistas e autoritários se fazem manifestos e podem ser identificados como importantes mecanismos de manipulação de massas. Perante alguns momentos da História brasileira, o fenômeno do Autoritarismo facista representou - e ainda representa - os interesses massificantes de grupos específicos, alguns deles formalizados no Estado e no sistema político, mais precisamente entre os anos de 2013 à 2016 (Schwarcz, 2019). Na corda bamba da jovem democracia brasileira, a população tenta se equilibrar em meio às investidas das alegorias autoritárias de um passado recente que ainda ressoa.

Nesse sentido, o presente estudo propõe um recorte bibliográfico acerca de passagens sócio-históricas com repercussões relativas a movimentos de massa autoritários, vislumbrados por Freud em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1920/2011) e Adorno e Horkheimer em “Dialética do Esclarecimento”, capítulo “Elementos do Antissemitismo: limites do esclarecimento”, elemento VI (1947), bem como suas possíveis aproximações com a política de governo de Jair Bolsonaro entre os anos de 2018 a 2022.

Esta proposta se faz realizável a partir do tensionamento dos discursos e práticas do governo vigente entre 2018 e 2022 e de seus apoiadores, considerando a possível relação entre tais discursos e a promoção da negação da ciência, a disseminação de ideias conspiratórias e a retórica de inimigos internos e externos. Para tanto, faz-se necessário examinar, por meio de referenciais teóricos específicos, como a administração tecnológica pode influir no processo de formação racional do sujeito através da possível relação entre os aspectos midiáticos e o potencial alienante do conceito de “pós-verdade⁴” dentro do contexto da sociedade brasileira atual.

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de compreensão da realidade material e subjetiva do autoritarismo, diante da importância de manter uma atitude e envolvimento políticos, de acordo com os pressupostos propostos pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005, p. 7) em seus seguintes princípios fundamentais:

- II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.
- III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.
- V. O psicólogo contribuirá para promover a universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão.
- VII. O psicólogo considerará as relações de poder nos contextos em que atua e os impactos dessas relações sobre as suas atividades profissionais, posicionando-se de forma crítica e em consonância com os demais princípios deste Código.

Neste sentido, faz-se relevante estudar e compreender a temática, considerando o crescente aumento, nos últimos anos, de movimentos nocivos, tais como a massificação, mobilizações neofascistas, desigualdade social; esses articulados, promovidos e reforçados através das *fake news*⁵. Além disso, a pesquisa tem como objetivo tornar possível apreender os valores atrelados ao fenômeno de identificação, a fim de tensionar, diante dos processos de massificação, os aspectos subjetivos e coletivos, bem como identificar e verificar as possíveis ressonâncias alienantes do bolsonarismo e da implicação da pós-verdade na realidade brasileira.

FUNDAMENTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DO FASCISMO

⁴Segundo a Academia Brasileira de Letras, o termo designa “informação ou asserção que distorce deliberadamente a verdade, ou algo real, caracterizada pelo forte apelo à emoção, e que, tomando como base crenças difundidas, em detrimento de fatos apurados, tende a ser aceita como verdadeira, influenciando a opinião pública e comportamentos sociais”.

⁵Segundo o Dicionário Online de Português (2023), o termo, derivado do inglês, pode ser traduzido enquanto informações falsas. Estas, podem ser transmitidas ou publicadas como notícia, motivadas por razões políticas ou para fins fraudulentos.

*“Por esse pão pra comer,
por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague”*

(Chico Buarque, 1971)

De acordo com Singer *et al.* (2020), não existe um consenso científico entre os/as estudiosos/as da área acerca da definição conceitual do fascismo. Sabe-se que se trata de um movimento reacionário controverso que visa a conservação da tradição a partir da tecnologia, a manutenção da ordem pelo caos, rebelar-se contra o sistema mantendo relações estreitas com as elites e participação popular oprimindo seus opositores.

Nesse ínterim, Boito Júnior (2021) descreve o fascismo como uma ditadura em que se tem um regime reacionário de massa, superficialmente crítico, mas extremamente conservador em suas entranhas. Sendo o fascismo esse regime político reacionário, o autor salienta que “também deve ser denominado fascista o movimento social que luta pela instauração desse regime e a ideologia que mobiliza esse movimento e legitima a ditadura fascista” (p. 4). Dessa forma, pode-se compreender que “o fascismo se define pela forma de Estado (ditadura), pelo regime político (fascismo) e engloba o movimento e a ideologia que implantam e legitimam esse regime” (Boito Júnior, 2021, p. 8).

A fim de uma breve contextualização histórica, conforme teoriza Boito Jr (2021), o fascismo original teve seu surgimento diante do século XX e configurou-se enquanto um movimento cujo principal mobilizador foi a pequena burguesia da época, fortemente influenciada pelo receio de uma ameaça advinda do movimento operário socialista e comunista. Desse modo, tal movimento pôde ser classificado como fascista porque o seu objetivo político principal foi a eliminação do pensamento e dos movimentos considerados de esquerda.

No entanto, faz-se necessário entender que o fascismo não se instaura repentinamente. Trata-se de um processo gradativo, proveniente de aspectos como “crise de hegemonia no bloco no poder, crise de representatividade dos partidos burgueses, situação de derrota do movimento operário e popular (...) e a constituição de uma classe intermediária como força social ativa e reacionária” (Boito Júnior, 2021, p.21).

Por outro lado, o neofascismo, ainda de acordo com o referido autor, é um movimento decorrente do fascismo original que surge no século XXI e, especificamente, no Brasil, na semi-periferia do sistema imperialista encabeçado pela alta classe média e que possui, dentre seus

preceitos, o conservadorismo. Assim como seu precursor, no neofascismo, o inimigo a ser combatido é o movimento democrático e popular.

Assim, Boito Júnior (2021) apresenta que o movimento neofascista “mobiliza uma crítica conservadora, de classe média, à corrupção e à política democrática, e chegou ao governo cooptado pelo capital financeiro internacional e pela fração da burguesia brasileira a ele integrada” (p. 8). Para o autor, há uma

[...] ofensiva restauradora do campo neoliberal extremado, constituição de um movimento reacionário de classe média e derrotas e defensiva do movimento democrático e popular somaram-se à crise das instituições democráticas e de representação dos partidos burgueses para criar uma dinâmica que possibilitou a vitória do neofascismo no Brasil (Boito Jr, 2021, p. 19).

Nesse sentido, no Brasil, durante o governo de Bolsonaro (2018-2022), ainda não foi possível tomar como referência uma ditadura fascista, mas, sim, um movimento com ideologias fascistas com presença de ameaças à democracia e que pode, a depender da conjuntura e de análises posteriores, ser incluído enquanto uma ditadura do tipo fascista (Boito Júnior, 2021). Isso porque, segundo o autor, “há um núcleo duro do bolsonarismo (...) que é a base militante de Bolsonaro e em torno do qual gravita uma periferia mais ampla de variados matizes de direita e extrema-direita” (p. 17).

Assim, segundo Singer *et al.* (2020, p 3):

Tal como o bordão deixa claro (“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”), a saída para acabar com a sangria do país, causada pela corrupção, crise na segurança pública e avanço do globalismo comunista, envolve colocar uma suposta homogeneidade nacional acima de quaisquer outras identidades e compromissos, respeitando seu pilar fundamental —a religião cristã—, algo que vai ao encontro das tradições do fascismo à brasileira.

Diante disso, para Silva e Caminha (2019), o fascismo já está presente na sociedade, em seu aspecto mais intimista, mas precisa de gatilhos para eclodir. Consequentemente, existem formas de pensar e sentir que são específicas ao movimento fascista, demonstrando a necessidade constante de atenção aos sinais perigosos relacionados aos discursos de ódio.

DINÂMICAS PSICOLÓGICAS E A PROPOSTA AUTORITÁRIA EM FREUD, ADORNO E HORKHEIMER

*“Mas é você que ama o passado
E que não vê (...)
Que o novo sempre vem”*

(Belchior, 1976)

De acordo com os preceitos postulados por Freud em “Psicologia das massas e análise do Eu” (1921/2011), toda psicologia individual é, em primeira instância, produto e produtora de uma psicologia social, a qual afirma e nomeia enquanto Psicologia das Massas. Neste sentido, “a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim” (Freud, 1921/2011, p. 11).

Partindo deste pressuposto, Freud (1921/2011) acredita, então, que a condição primeira para que ocorra o processo de massificação é a capacidade de identificação tanto dos indivíduos da massa com o líder ou com uma ideia geradora, quanto dos indivíduos entre si. Outrossim, compreende-se que, para que este movimento ocorra, os sujeitos precisam, necessariamente, estarem unidos por um interesse em comum, um desejo compartilhado.

Na massa, acredita Le Bon, as aquisições próprias dos indivíduos se desvanecem, e com isso desaparece sua particularidade. O inconsciente próprio da raça ressalta, o heterogêneo submerge no homogêneo. Diríamos que a superestrutura psíquica, que se desenvolveu de modo tão diverso nos indivíduos, é desmontada, debilitada, e o fundamento inconsciente comum a todos é posto a nu (Freud, 1921/2011, p.14).

Dentro desta perspectiva, uma instância de grande relevância no entendimento do movimento das massas é a diferenciação – ou não – do Eu com o Ideal do Eu. Para Freud, o Ideal do Eu é “uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele” (Freud, 1921/2011, p.52). Tal instância se desenvolve, gradativamente, a partir de fragmentos do meio sociocultural ao qual o indivíduo encontra-se incluído.

O Ideal do Eu, portanto, seria um modelo com o qual o sujeito procuraria conformar-se (Laplanche; Pontalis, 1924/2001). “Nós a chamamos de ‘ideal do Eu’ e lhe atribuímos funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência na repressão” (Freud, 1921/2011, p. 52). Ao analisar o processo de massificação, por conseguinte, torna-se perceptível o movimento de substituição do Eu pelo Ideal do Eu. A partir do momento em que os indivíduos elevam um mesmo objeto enquanto Ideal do Eu, este torna-se o Ideal da Massa que é corporificado pela figura do líder (Freud, 1921/2011).

Compreendendo, desta maneira, a massa como um processo no qual reinam ligações afetivas propiciadas pela identificação, o tipo de ligação estabelecida com a figura do líder faz-se demasiadamente relevante. Nesse ínterim, o líder assume uma posição parecida com a do pai primordial, o pai da *horda primeva*. Mais adiante, explicar-se-á mais especificamente sobre o conceito de *horda primeva* e como as massas se relacionam a esta.

Desta maneira, ao analisar-se alguns pressupostos propostos por Max Horkheimer e Theodor W. Adorno em *Dialética do Esclarecimento*, mais especificamente no capítulo acerca

dos Elementos do Antissemitismo, aforismo VI (1947), é possível traçar um paralelo entre o movimento antissemita e o movimento de massas teorizado por Freud, já que o antissemitismo, além de uma forma de preconceito, englobando dimensões cognitivas e afetivas, pode ser compreendido, ainda, enquanto um movimento de massas.

Por conseguinte, pode-se assimilar que “o comportamento antissemita é desencadeado em situações em que os indivíduos obcecados e privados de sua subjetividade se veem soltos enquanto sujeitos” (Adorno; Horkheimer, 1947, p. 141). Ainda, “eles saem a pilhar e constroem uma ideologia grandiosa para isso, e falam disparatamente da salvação da família, da pátria, da humanidade” (1947, p. 141).

Pensando nisso, pode-se concluir que “a massa é um rebanho dócil, que não pode jamais viver sem um senhor. Ela tem tamanha sede de obediência, que instintivamente se submete a qualquer um que se apresente como seu senhor” (Freud, 1921/2011, p. 21). Dessa forma, de acordo com Freud, “ainda hoje os indivíduos da massa carecem da ilusão de serem amados igualmente e justamente pelo líder, mas este não precisa amar ninguém mais, é-lhe facultado ser de natureza senhorial, absolutamente narcisista, mas seguro de si e independente” (Freud, 1921/2011, p. 67).

A família, enquanto instituição primária, se faz extremamente presente enquanto força motriz para a estruturação da subjetividade dos indivíduos. Neste sentido, ao pensar-se a partir da construção edípica e suas ressonâncias sociais, a premissa da figura do pai faz-se indispensável (Freud, 1921/2011). O líder, nesta perspectiva, ocupará este local do pai - aquele que ama igualmente a todos - e a massa, conseqüentemente, tende a tentar preencher o desamparo primordial, do qual todos os seres estão submetidos desde o nascimento. A busca pelo pertencimento, identificação e por uma figura ou uma ideia que supra a falta basilar é o aspecto fundante que molda a formação das massas.

Outrossim, como citado a priori, a massa se assemelha com a revivescência da *horda primeva*, isto é, Charles Darwin propôs que, no início dos tempos, a estrutura conjuntural da sociedade seria a de uma horda governada por um macho forte. A partir desta análise e do crivo de Freud, o homem primevo teria, de alguma forma, se conservado em cada indivíduo ao longo da história. Neste sentido, na medida em que “os homens são habitualmente governados pela formação de massa, reconhecemos nesta a continuação da horda primeva.” (Freud, 1921/2011, p. 66)

O caráter inquietante e compulsivo da formação da massa, evidenciado em seus fenômenos de sugestão, pode então ser remontado, com justiça, à sua origem a partir da horda primeva. O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade (...). O

pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu (Freud, 1921/2011, p. 71).

Portanto, no processo de massificação, Freud (1921/2011) pontua que nos primórdios da história humana, o líder ocupava a posição de pai protetor da horda primeva, uma espécie de super-herói, sendo o responsável por amar e reconhecer a todos os indivíduos igualmente, fornecer segurança e proteção. Assim, o pai primevo seria responsável por representar o Eu no lugar do ideal do Eu, isto é, dos interesses da massa.

Posto isso, pode-se concluir, então, que o líder autoritário consegue manipular as massas por meio de discursos atravessados por demasiado afeto, trazendo à tona aspectos latentes que estão presentes no inconsciente daqueles que o seguem. Sendo assim, ao representar e expor seus ideais sem a menor censura, pudor, resguardo e medo de sofrer consequências, contar mentiras incessantemente e ainda assim continuar sendo aplaudido e idolatrado, é possível compreender que o vínculo entre os indivíduos da massa não é do âmbito da razão, mas, sim, dos aspectos libidinais (Silva; Caminha, 2019). Tal movimento torna-se visível diante da seguinte fala emitida por Bolsonaro retirada do Documentário Democracia em Vertigem, direção de Petra Costa: “Me chamam de grosso, homofóbico, fascista, etc... **Eu sou um herói!** E estou cada dia mais vivo perante a opinião pública.” (Costa, Petra, 2019, grifo nosso).

Partindo deste pressuposto, para Freud (1921/2011) a formação da massa pressupõe a necessidade de promover uma instituição forte o bastante que possibilite a intensificação do afeto e a tentativa de suprir o desamparo/falta primordial a qual todo sujeito está condenado ao nascer. Ela permite ao grupo uma identidade anônima, poder invencível e uma falsa liberdade de impulsos instintivos antes reprimidos pelo mecanismo do medo social. Dessa forma, a massa pode ser compreendida enquanto organismo impulsivo, onipotente e guiado pela paixão, podendo ocasionar atos heroicos e/ou violentos.

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula, é acrítica, o improvável não existe para ela. Pensa em imagens que evocam umas às outras associativamente, como no indivíduo em estado de livre devaneio, e que não têm sua coincidência com a realidade medida por uma instância razoável. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. Ela não conhece dúvida nem incerteza (Freud, 1921/2011, p. 18-19).

Por conseguinte, ao analisar o bolsonarismo como um movimento de massas sob a ótica de Sigmund Freud, tem-se a uma consideração relevante sobre o funcionamento psicológico desse sistema:

Partimos do fato fundamental de que o indivíduo no interior de uma massa experimenta, por influência dela, uma mudança frequentemente profunda de sua atividade anímica. Sua afetividade é extraordinariamente intensificada, sua capacidade intelectual claramente diminuída, ambos os processos apontando, não há dúvida, para um

nivelamento com os outros indivíduos da massa; resultado que só pode ser atingido pela supressão das inibições instintivas próprias de cada indivíduo e pela renúncia às peculiares configurações de suas tendências (Freud, 1921/2011, p. 29).

Com efeito, em relação ao processo de identificação, Freud (1921/2011, p. 46) postula que “a psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa”. Dessa forma, quanto maior a semelhança entre o objeto e o eu, mais significativo será o processo de identificação. Sendo assim, para o mesmo autor, quando uma massa se forma, unidos por um mesmo propósito, há uma identificação tão homogênea que os indivíduos pertencentes, ditos civilizados, se sentem igualados e fadados a suportar as especificidades e relevar suas repulsas (Freud, 1921/2011).

Esses sujeitos “civilizados”, portanto, que se consideram altamente racionais e livres de quaisquer heranças miméticas⁶, produzem, através de políticas fascistas, regimentos e burocracias que lhes permitam exercer todo o seu poder de maneira demasiadamente racionalizada. Tentam, dessa forma, dirigir seu ódio reprimido para um objeto específico – no caso do antissemitismo, os judeus; no caso do bolsonarismo, as minorias -. Tais objetos incomodam por representarem tamanha liberdade de pulsões: **“Todos os outros são ‘muito espaçosos’ e devem ser realocados em seus limites, que são os limites do terror sem limites”** (Adorno & Horkheimer, 1947, p. 150, grifo nosso). A vítima em potencial é aquela que, de forma estranhamente familiar, simboliza os impulsos recalcados que o sujeito não consegue admitir como seus.

Nas palavras de Adorno e Horkheimer (1947, p. 154):

O indivíduo obcecado pelo desejo de matar sempre viu na vítima o perseguidor que o forçava a uma desesperada e legítima defesa, e os mais poderosos impérios sempre consideraram o vizinho mais fraco como uma ameaça insuportável, antes de cair sobre eles. A racionalização era uma finta e, ao mesmo tempo, algo de compulsivo. Quem é escolhido para inimigo é percebido como inimigo. O distúrbio está na incapacidade de o sujeito discernir no material projetado entre o que provém dele e o que é alheio.

A projeção da impressão dos sentidos é um dos mecanismos de defesa mais antigos do ser humano. No entanto, “na sociedade humana, porém, na qual tanto a vida intelectual quanto a vida afetiva se diferenciam com a formação do indivíduo, o indivíduo precisa de um controle crescente da projeção; ele tem de aprender ao mesmo tempo a aprimorá-la e a inibi-la” (Adorno & Horkheimer, 1947, p. 154). Dessa forma, fez-se importante, para o sujeito ao longo de sua

⁶Flexão do termo *mimesis*, de origem grega, que significa “a faculdade do homem de reproduzir, imitar. Na filosofia aristotélica, a *mimesis* representa os fundamentos da arte e Platão, por sua vez, cria ser tudo imitação, até mesmo que o universo é oriundo de uma imitação verdadeira, o mundo das ideias” (Oliveira, 2014, p. 56).

história, aprender a distinguir entre exterior e interior, com o intuito de integrar uma consciência de si mesmo e uma consciência moral; identificação e distanciamento.

O que acontece nos indivíduos da massa é uma petrificação do Ego; isto é, ao efetuar tal movimentação, o processo se estagna no momento da identificação, tornando-se inviável a possibilidade do distanciamento. Em outras palavras, o sujeito de Ego petrificado compreende que suas percepções acerca do mundo das coisas são irrefutáveis, visto que o entrelaçamento entre subjetividade e exterioridade foi rompido.

O patológico no antissemitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência da reflexão que o caracteriza. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar (1947, p. 155).

Destarte, distante de distanciar-se e procurar ouvir sua consciência moral, o paranoico (sujeito de ego petrificado) ouve vozes e acredita, piamente, que sua paranoia é real, mesmo que a realidade tente demonstrar o contrário. Para sustentar sua verdade, ele cria teorias da conspiração – *terra-planismo*⁷, negação da existência de uma pandemia mundial do vírus da Covid-19⁸, *kit gay*⁹ – e se mune de argumentos – e de armas – para não ser confrontado com o real. O que tenta ignorar em si a todo custo se reflete nas coisas que persegue e, quanto mais o faz, mais perceptivo este movimento se torna – mas não para ele. Para Freud, “**as massas requerem ilusão**” (1921/2011, p. 20, grifo nosso).

O CONTEXTO PRÉ-BOLSONARO (2013-2016): O GIGANTE ACORDOU?

“Não posso fazer serenata

A roda de samba acabou

A gente toma a iniciativa

⁷O movimento terra-planista ganhou força a partir de 2014, nos Estados Unidos. De modo geral, são crenças movidas a conspirações, que duvidam e questionam comprovações científicas, instituições e governos. Cunha, Carolina. **Ciência** - Teoria da Terra Plana está cada vez mais popular. Uol. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ciencia---teoria-da-terra-plana-esta-cada-vez-mais-popular.htm>. Acesso em: 26 de Outubro de 2023.

⁸Em 2020, Bolsonaro, no seu pronunciamento oficial, associou o vírus à uma “gripezinha”, “produzindo uma abordagem centrada na minimização da pandemia, na desqualificação das medidas de contenção, na naturalização da morte e na suposição de uma espécie de teoria da conspiração(...)” (Calil, 2021, p.40).

⁹O “kit gay” foi uma das *fake news* de maior repercussão nas eleições de 2018. Bolsonaro divulgou o livro “aparelho sexual & cia”, que nada tem a ver com a cartilha de orientação para professores, composta pelo programa governamental “Brasil sem Homofobia”. Pina, Rute. **TSE confirma que “kit gay” nunca existiu e proíbe “fake news” de Bolsonaro**. Brasil de Fato. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/16/tse-confirma-que-kit-gay-nunca-existiu-e-proibe-fake-news-de-bolsonaro>. Acesso em: 26 de Outubro de 2023.

*Viola na rua, a cantar
 Mas eis que chega a roda-viva
 E carrega a viola pra lá”*

(Chico Buarque, 1968)

Um dos maiores movimentos de massas no Brasil dos últimos anos ocorreu em junho de 2013. Este, emergiu de forma repentina e sem uma proposta muito bem definida. O marco inicial e disparador desse movimento começou pelo aumento de 20 centavos na tarifa de ônibus em São Paulo. No entanto, de modo quase imediato, o lema se transforma em: “Não são só 20 centavos” e as reivindicações passam a ser direcionadas para melhores condições de saúde, educação, moradia e a acessos à população em todos os níveis da sociedade, tais como lazer e cultura.

É possível que este momento tenha sido um dos marcos iniciais para os acontecimentos posteriores no Brasil. A partir dele, a descrença dos representantes políticos para com os interesses sociais ficou ainda mais evidente, sendo um movimento catalisado pelos dois espectros ideológicos: tanto direita, como esquerda. Schwarcz (2019), observa, no movimento de rua, uma divisão:

(...) o formato das manifestações de 2013; pouca gente notou, mas existiam, já naquele contexto, dois lados da avenida que jamais convergiam. Se o espaço das ruas representou um domínio das esquerdas até então, de repente ele ampliou seu espectro, ao mesmo tempo que o reduziu. Ampliou, pois acomodou outros tipos de demanda. Reduziu, na medida em que dividiu totalmente o espaço público de maneira que os dois grupos jamais compartilhassem o mesmo local. (Schwarcz, 2019, p.179)

Apesar de, atualmente, ter-se conhecimento acerca dos processos que sucederam a partir de 2013, aquele movimento surgiu enquanto grande esperança de transformação e melhoria social. A voz do povo novamente ecoava pelas ruas e existia uma certa beleza naquela sensação de comunidade e união. Beleza essa que se mostra caricata de um movimento de massas quando não existem mudanças e transformações percebidas na materialidade. Dessa forma, junto a isso, soma-se uma descrença absoluta e acrítica para com as instituições, numa recusa iminente de toda e qualquer proposição advinda do governo, possibilitando, segundo Schwarcz (2019), uma abertura para alguns *outsiders* e figuras menos conhecidas do terreno político:

Por sua parte, o vazio social e o ceticismo adubaram um terreno já fértil para a ascensão de pretensos *outsiders*, políticos autoritários, oportunistas e populistas, que se dizem acima e além dos demais dirigentes, apesar de compartilharem do mesmo jogo político e viverem dele. Como não conseguem produzir consensos mais amplos na sociedade civil, apostam, seguindo as lições dos outros governos emergentes, no conflito e na divisão (Schwarcz, 2019, p.189).

Diante da disputa política iniciada neste contexto, em 2014, surge o Movimento Brasil Livre (MBL). Segundo Ricci (2018), o MBL surge enquanto uma entidade civil para combater a corrupção e lutar pelo *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff. Tal organização despontou no cenário político de modo avassalador, especialmente nos meios digitais. Com uma estética jovial e disruptiva, o MBL foi o agente que talvez melhor tenha se aproveitado da brecha existente em 2013, influenciando, consideravelmente, uma nova juventude que adentrava o cenário político. O que é pouco vinculado é que o MBL não é uma coincidência do contexto; ele não se originou espontaneamente dos movimentos, mas sim de um projeto de financiamento internacional e com apoio de alguns partidos políticos do Brasil alinhados à direita, como PMDB, DEM, PSDB. Ricci (2018), menciona e contextualiza acerca da influência da *Atlas Network*:

Esta organização, que possui 484 parceiros em 92 países, é uma *think tank* norte-americana, cuja sede está situada em Washington, D.C. Fundada em 1981, ela propaga concepções de direita e propostas programáticas ultraliberais, bem como recebe recursos de fundações, corporações e doações individuais. Entre seus patrocinadores, estão os irmãos Koch, empresários do setor de petróleo e gás. No Brasil, ela mantém 12 parcerias, algumas vinculadas à organização estudantil *Estudiantes por la Libertad*, ramificação da *Students For Liberty*, que, no País, possui como afiliadas a Estudantes Pela Liberdade (em Belo Horizonte) e *Students For Liberty* Brasil (em São Paulo). (Ricci,2018, p.103)

Posteriormente, em 2014, o Brasil passou por uma eleição presidencial bastante acirrada. O nome de Aécio Neves foi propagado pelas organizações direitistas¹⁰ que vinham crescendo consideravelmente, especialmente do próprio MBL e o sentimento antipetista criava forma. Ricci (2018) já observava a ascensão dos jovens para uma ala mais conservadora, talvez, como efeito direto dessa nova organização:

Ao final do segundo turno, já se contabilizavam quinze mil jovens arregimentados em comunidades formadas nas redes sociais que apoiavam abertamente a candidatura de Aécio Neves e se opunham ferrenhamente ao governo Dilma Rousseff e ao lulismo. Começava a organização, de fato, Movimentos de uma parcela da juventude que se afirmava como de direita. (Ricci ,2018, p.103)

Com a vitória da então presidenta Dilma Rousseff, o sentimento de frustração dessas alas, juntamente com a intensificação da “Operação Lava-Jato”, criada em 2014, culminou efetivamente no antipetismo. Segundo Bastos (2017), apesar da gestão petista apoiar a Operação Lava-Jato, paradoxalmente, o efeito das investigações desgastou o governo, especialmente no conflito com políticos e empresários envolvidos em transações suspeitas, que

¹⁰De acordo com Silva (2014), compreende-se enquanto espectro ideológico de direita aquela “que pretende preservar ou ampliar os poderes de grupos já devidamente representados nas esferas de poder”. Já o espectro ideológico de esquerda, é aquela que “pretende empoderar grupos sub-representados nas esferas de poder” (2014, p.156).

visaram a substituição do governo, em busca de anistia pelos crimes cometidos (2017, p.5). Tais questões aliadas a uma intensa intervenção midiática, juntamente com argumentações ilícitas de pedaladas fiscais, culminaram no processo de *impeachment* da presidenta Dilma em 2016. Evento este que, posteriormente, viria a ser reconhecido por parte da população, alguns veículos de imprensa e, inclusive pelo ex-presidente, Michel Temer¹¹ (2016-2018) enquanto **Golpe de Estado**. Certamente, uma das passagens mais críticas da história do país. Neste momento, o autoritarismo estava institucionalizado.

AVANÇANDO RUMO AO PASSADO: AUTORITARISMO E PERDA DA VERDADE

*“Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais”*

(Belchior, 1976)

Singer *et al.* (2020) pontua que o sistema de linguagem articulado por Jair Bolsonaro revela a dissolução entre o público e o privado, de modo a retratar-se e vir a ocupar a posição de um pai que conversa com sua família, deixando escapar no discurso sua impotência a partir de aspectos relativos à delírios de perseguição. Nesse sentido, cabe dar ênfase a fala de Jair Bolsonaro transmitida em outubro de 2018 em comício realizado na Avenida Paulista, São Paulo - *“Esses marginais vermelhos serão banidos dessa pátria”* (Costa, 2019, grifo nosso) - , onde o inimigo a ser combatido engloba desde a imprensa e universidades, até mesmo à diversidade e movimentos sociais populares. No trecho que segue, em uma entrevista concedida à diretora Petra Costa em 2017 e que consta no documentário Democracia em Vertigem, Jair Bolsonaro declara:

O agronegócio [é] apaixonado por mim. Quando falo: o que depender de mim, vocês, da fazenda, vão ter fuzis. Cartão de visita pra marginal do MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra] é um cartucho 762. Vocês, caso queiram, ter uma arma dentro de casa, no que depender de mim, terão. Assim se combate à violência! Vagabundo, a única linguagem que ele entende é pancada (Costa; 2019, grifo nosso).

¹¹Em entrevista realizada em 2021 ao programa “Roda Viva”, Michel Temer admite a existência do Golpe de Estado na frase: “eu jamais apoiei ou fiz empenho pelo golpe”.

Roda Viva. **Michel Temer fala sobre impeachment de Dilma Rousseff**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W45xyv5qLmE>. Acesso em: 26 de Outubro de 2023.

De acordo com os argumentos supracitados, Silva e Caminha (2019, p. 186) acrescentam que diante da manipulação das massas,

Os grupos são sugestionados a trazer à tona sentimentos odiosos para com as diferenças, para com modos de organização da vida de outras culturas, de outras manifestações da sexualidade que não seja aquela tida como “normal”, da pluralidade em geral, visto a noção de unidade e a ideia de que aquela massa sugestionada é a mais poderosa e está acima de todos. Portanto, o levante dos movimentos das massas fascistas pode ser entendido como um perigo constante para a convivência respeitosa entre diferentes culturas.

Diante disso, como postulam Singer *et al.* (2020, p. 7), o fascismo à brasileira se constitui enquanto “parte da história moderna do país e um dos subprodutos de suas fundas mazelas” e, dessa forma, “sempre esteve por aí, com seu rosto e gestos ameaçadores, ainda que, em geral, perambulando nas margens da vida nacional (p. 7). Em “Democracia em Vertigem”, documentário dirigido por Petra Costa e lançado em 2019, a diretora pontua, aos 113 minutos: “Somos [o Brasil] uma república de famílias. Um controlam a mídia, outras os bancos. Elas possuem a areia, o cimento, a pedra e o ferro. E de vez em quando acontece delas se cansarem da democracia, do Estado de direito”.

Para melhor compreender o fenômeno bolsonarista, é importante refletir sobre o conceito de “pós-verdade”. Nesse sentido, Siebert e Pereira (2020) trazem uma contextualização e definição em seu artigo. Para a autora e o autor

A definição de pós-verdade nasce atrelada ao gesto político, significado de uma sociedade que se importa mais com seu bem-estar diante das informações do que com a qualidade delas ou sua ligação com o real. Guiado pela ideologia, o sujeito é inclinado a ser seletivo no que toca a suas crenças, admitindo como verdadeiras as informações que conferirem reforço discursivo à sua posição ideológico-histórica (p.243).

Especialmente nos últimos 25 anos, com o advento dos computadores, celulares e da tecnologia de modo geral, o avanço na divulgação da informação cresceu de maneira estrondosa, surgindo uma nova dinâmica na vida social e política dos indivíduos. A facilidade no acesso gerou um efeito paradoxal: as possibilidades de promoção, compartilhamento e acesso em larga escala do conhecimento e atividades propositivas no coletivo foram superadas por aspectos morais e individuais, com aceções que dominaram o conceito da verdade, não sendo mais determinante o conhecimento produzido pela ciência (Marco; Lemes; Chiesse, 2020).

De acordo com Caldas e Caldas (2019), com a intensa expansão tecnológica isto ficou mais evidente e grandes corporações de *big techs*¹², pioneiras no desenvolvimento dessa nova indústria, que, de fato, revolucionou o mundo, viram uma oportunidade de controlar a comunicação digital, promovendo uma massiva alienação em prol de seus interesses econômicos.

Existem algumas evidências nesta segunda hipótese como o caso da *Cambridge Analytica*, em que foram vazados dados de aproximadamente 87 milhões de usuários do *Facebook*. Dados estes que foram utilizados por políticos para influenciar a opinião pública e, possivelmente, determinaram os resultados das eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos. Além disso, casos como do Wikileaks¹³ e Snowden¹⁴ revelam contradições inerentes ao desenvolvimento tecnológico em seu uso coercitivo para o controle, escondendo a verdade e manipulando a mentira (Caldas; Caldas, 2019).

Segundo Schlegel e Freitas (2021), o termo pós-verdade ganha notória relevância justamente no ano de 2016, na disputa eleitoral de Trump e Hillary. Mesmo ano do processo de Impeachment sofrido pela então presidente Dilma Rousseff, o que deflagrou os Estados Unidos da América por espionagem em 2013 e promoveu a lei Lei nº 12.965 do Marco Civil da Internet em 2014, com a proposta de: “estabelecer princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil” (Brasil, 2014). Nota-se uma congruência dos eventos e, mais ainda, dos anos que sucederam estes acontecimentos.

O fato é que, considerando o contexto brasileiro atual, vive-se realidades paralelas e os efeitos disso estão muito longe de serem identificados por completo e compreendidos. Tais indicativos permitem afirmar que os conceitos de pós-verdade e *fake news* são intrinsecamente

¹²De acordo com o dicionário Collins, Big Techs são companhias de tecnologia de larga escala. Destacam-se nomes como: Google, Apple, Meta, Amazon e Microsoft. Collins. 2023. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/big-tech>. Acesso em: 26 de Outubro de 2023.

¹³Segundo o site Brasil de Fato (2023), Julian Assange, fundador da Wikileaks, está preso há mais de Quatro anos. “Em 2010, ele publicou aproximadamente 250 mil arquivos, entre fotos, vídeos e documentos do Pentágono, que revelavam crimes de guerra cometidos por militares estadunidenses e práticas de tortura, contra detentos na prisão de Guantánamo, base militar dos EUA em Cuba.”

Julian Assange, **Wikileaks e a perseguição do governo dos EUA**: entenda o caso. Brasil de Fato. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/04/11/julian-assange-wikileaks-e-a-perseguiacao-do-governo-dos-eua-entenda-o-caso>. Acesso em: 26 de Outubro de 2023.

¹⁴De acordo com o site G1 (2013), Snowden, “ex-técnico da CIA, é acusado de espionagem por vazar informações sigilosas de segurança dos Estados Unidos e revelar em detalhes alguns dos programas de vigilância que o país usa para espionar a população americana (...) e vários países da Europa e América Latina, entre eles o Brasil, inclusive fazendo o monitoramento de conversas da presidente Dilma Rousseff com seus principais assessores.” **Entenda o caso de Edward Snowden, que revelou espionagem nos EUA**. G1. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/entenda-o-caso-de-edward-snowden-que-revelou-espionagem-dos-eua.html>

ligados, isto porque *fake news*, em sua origem política, é o instrumento que busca atacar e deslegitimar as instituições e a mídia tradicional, buscando, justamente, aniquilar a verdade e transformá-la em um conceito moral e subjetivo, polarizando a sociedade em grandes bolhas (Schlegel; Freitas, 2021).

Diante de todo este movimento, desponta o Bolsonarismo e nota-se que, em 2018, tudo isso chegou de forma mais bem articulada, pela acumulação de experiências passadas demonstradas diante do resultado das eleições. Isso, associado ao maquinário político, têm como produto o efeito massificado de alienação, gerando efeitos psicológicos severos na sociedade. Por fim, pode-se indicar, a partir do recorte realizado, que o fenômeno da pós-verdade e as *fake news* foram fatores fundamentais para a sustentação do governo de Jair Bolsonaro e, assim como indica Blommaert (2020), estes dois conceitos são o que embasam a própria característica deste novo movimento autoritário de massas.

PARA CONCLUIR, MAS NÃO COMPLETAMENTE

“Como lidar com a vertigem de ser lançado em um futuro que parece tão sombrio quanto nosso passado mais obscuro? O que fazer quando a máscara da civilidade cai e o que se revela é uma imagem ainda mais assustadora de nós mesmos?”

(Petra Costa, 2019)

Diante da análise proposta nesta pesquisa, fica evidente a importância de compreender os fenômenos políticos, psicológicos e subjetivos envolvidos no bolsonarismo no Brasil. Através de uma breve revisão bibliográfica, buscou-se investigar as possíveis ressonâncias do Fascismo original e de suas novas concepções na política do governo Bolsonaro, no período de 2018 a 2022.

Ao refletir sobre as bases teóricas do fascismo, compreende-se que suas características autoritárias, o culto à violência, a negação do pluralismo político e a construção de inimigos internos e externos são mecanismos que podem ser identificados no Bolsonarismo. Através da análise dos discursos e práticas do governo e de seus apoiadores, percebe-se a promoção da negação da ciência, a disseminação de ideias conspiratórias e o uso da retórica do medo.

Além disso, a administração tecnológica desempenha um papel importante na formação da subjetividade do indivíduo, principalmente através dos aspectos midiáticos. A disseminação de informações falsas e o fenômeno da “pós-verdade” podem ter um potencial alienante na

sociedade brasileira, contribuindo para a massificação e o fortalecimento do Bolsonarismo enquanto movimento autoritário.

Nesse contexto, é fundamental para os psicólogos e profissionais da área compreenderem os fenômenos acerca da realidade política e subjetiva do autoritarismo e suas possíveis ressonâncias na sociedade. A partir dos princípios éticos da profissão, é necessário trabalhar visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas, contribuindo para a eliminação de formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (CFP, 2005).

A pesquisa realizada neste artigo visa contribuir para esse objetivo, analisando criticamente algumas bases teóricas do autoritarismo e do fascismo, suas manifestações na política do governo Bolsonaro e as dinâmicas psicológicas envolvidas nesse contexto. Espera-se que os resultados obtidos possam fornecer subsídios para uma compreensão mais ampla desses fenômenos e proporcionem possíveis articulações para profissionais da Psicologia, pesquisadores e demais interessados em compreender e lidar com os desafios políticos e psicológicos contemporâneos.

Diante dos argumentos supracitados, faz-se importante considerar que as músicas citadas no decorrer do artigo foram produzidas durante o período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), um momento marcado pelo terror do autoritarismo, incertezas, repressão política e perseguição cultural e artística. Portanto, **para que não se repita**, segundo Adorno (1995) é necessário que a educação política se empenhe em promover espaços de discussão de questões caras à sociedade, que possam informar acerca da existência de um jogo de forças políticas por trás da superfície a que se tem acesso, sem o receio de contrariar potências. Dessa maneira, “seria preciso tratar criticamente um conceito tão respeitável como o da razão de Estado, para citar apenas um modelo: na medida em que colocamos o direito do Estado acima do de seus integrantes, o terror já passa a estar potencialmente presente” (Adorno, 1995, p. 137).

A pesquisa realizada não visa encerrar o fenômeno bolsonarista, mas indicar possíveis articulações a serem consideradas em seu estudo. Que este artigo possa despontar algum incômodo àquele/àquela que o lê no sentido de motivar indagações, proposições, questionamentos e uma maior investigação do fenômeno, com o empreendimento de outras pesquisas sobre a temática. Para que não se repita, “é preciso estar atento e forte” (Veloso; Gil, 1968).

REFERÊNCIAS

- II ENCONTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO E SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2., 2013, São Luís de Montes Belos. **MIMÉISIS: conceito e exemplificação do texto literário em A Metamorfose de Franz Kafka**. São Luís de Montes Belos: Universidade Estadual de Goiás, 2014. 7 p.
- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 190 p. Tradução de: Wolfgang Leo Maar.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Frankfurt: Zahar, 1947. 225 p. Tradução de: Guido Antônio de Almeida.
- BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. “Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016.: **Poder estrutural, contradição e ideologia**.” *Revista de Economia Contemporânea*, vol. 21, no. 2, 21 Dec. 2017, <https://doi.org/10.1590/198055272129>.
- BLOMMAERT, Jan. Political discourses in post-digital societies. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, n. 1, p. 390-403, abr. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/01031813684701620200408>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/Qz3ZHtchxfwRhWdK5V6dvCF/?lang=en#>. Acesso em: 14 maio 2022; 13 set. 2023.
- BOITO JÚNIOR, Armando. O caminho brasileiro para o fascismo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 34, 2021. DOI: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.35578>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/CSKYLS49WkF4Zr7fnFJTMmm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2022; 17 ago. 2022; 25 abril 2023.
- CALDAS, Camilo Onoda Luiz; CALDAS, Pedro Neris Luiz. Estado, democracia e tecnologia: conflitos políticos e vulnerabilidade no contexto do big-data, das fake news e das shitstorms. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 196-220, jun. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/3604>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/4qKvdJBT8svQshQdhfrz8jN/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2022; 13 set. 2023.
- CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serviço Social & Sociedade**, [S.L.], n. 140, p. 30-47, abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.236>.
- Como Nossos Pais**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/belchior/44451/>>. Acesso em: 29 out. 2023.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 010/05**. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília: S.e., [2005]. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2005/07/resolucao2005_10.pdf. Acesso em: 10 maio 2022; 20 nov. 2022.
- Construção**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45124/>>. Acesso em: 29 out. 2023.
- DEMOCRACIA em vertigem. Direção de Petra Costa. [S.L.]: Busca Vida Filmes, 2019. (121 min.), son., color.
- Divino Maravilhoso**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44718/>>. Acesso em: 29 out. 2023.

FAKE NEWS. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fake-news/> Acesso em: 27 mar. 2023.

FREUD, S. **Sigmund Freud (1921-1923) - Obras completas volume 15**: psicologia das massas e análise do eu e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 1921/2011. Tradução: Paulo César de Souza.

LAPLANCHE; PONTALIS; **Vocabulário da psicanálise**; 4ª ed.; São Paulo: Martins Fontes, 1924/2001. Sob a direção de Daniel Lagache; tradução Pedro Tamen.

O bêbado e a equilibrista. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/elis-regina/45679/>>. Acesso em: 29 out. 2023.

PÓS-VERDADE. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/pos-verdade>. Acesso em: 27 out. 2023.

RICCI, Rudá Guedes. “Movimentos e mobilizações sociais no Brasil: de 2013 aos dias atuais.” **Saúde em debate**, vol. 42, no. spe3, Nov. 2018, pp. 90–107, <https://doi.org/10.1590/0103-11042018s308>. Acesso em: 7 out 2021.

Roda Viva. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45167/>>. Acesso em: 29 out. 2023.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SIEBERT, Silvânia; PEREIRA, Israel Vieira. A PÓS-VERDADE COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO. **Linguagem em (Dis)Curso**, [S.L.], v. 20, n. 2, p.239-249, ago. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017/200201-00-00>.

SILVA, Gustavo Jorge. Conceituações teóricas: esquerda e direita. **Humanidades em Diálogo**, [S.L.], v. 6, p. 149-162, 8 nov. 2014. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2014.106265>. Acesso em: 1 Nov. 2022.

SILVA, Tayane Cristine Ferreira Clemente da; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. O fascismo e as massas: uma análise da teoria freudiana sobre o contágio do ódio. **Problemata**, v. 10, n. 5, p. 178–187, dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.7443/problemata.v10i5.47439>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/47439>. Acesso em: 22 maio 2023.

SINGER, André. et al. **Por que assistimos a uma volta do fascismo à brasileira?** São Paulo, 2020.

SCHLEGEL, Rogério; FREITAS, Amanda. FAKE NEWS E SUAS ABORDAGENS NO BRASIL. **Confluências | Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 204-228, 1 dez. 2021. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/conflu.v23i3.44497>.